

**Todo o leme a bombordo: marinheiros, luta armada e ditadura civil-militar no Brasil**

Anderson da Silva Almeida\*

**Resumo:** O texto que se segue é uma pequena abordagem da trajetória dos marinheiros que foram expulsos da Marinha após o golpe de 64 devido suas participações no evento ocorrido no Sindicato dos metalúrgicos da Guanabara em março daquele ano. Muitos deles participaram efetivamente dos movimentos da luta armada contra a ditadura civil-militar.

**Palavras-chave:** marinheiros; luta armada; ditadura civil-militar;

**Abstract:** The following text is a brief approach to the path of the sailors who were expelled and persecuted by the Navy, due to their participation in the event at the Guanabara metallurgist trade union on March 1964. After all many mariners that engaged themselves in the combat contrary to civil-military dictatorship.

**Key-words:** mariners; combat army; civil-military dictatorship

Segundo dados do Projeto Brasil Nunca Mais, ao analisar os processos da Justiça Militar na época da ditadura, “a Marinha figura como arma que sofreu o maior número de processos punitivos”, acrescentando que esse resultado é fruto “do grau mais avançado de organização política que suas bases alcançaram, principalmente após a criação, em 1962, da Associação dos Marinheiros e Fuzileiros Navais do Brasil” (BNM, 2001:120). Essa Associação havia sido fundada no dia 25 de março daquele ano por marinheiros até a graduação de cabo, que ressentiam de uma organização que os representassem e que aglomerasse esses subalternos. Em abril de 1963 toma posse a segunda diretoria, tendo na presidência o marinheiro Anselmo (RODRIGUES, 2004: 80).

A entidade cresce, e passa a se relacionar com outros órgãos da sociedade civil, como a UNE e a CGT, atraindo também a atenção de políticos ligados à Frente Parlamentar Nacionalista (FPN). Os marinheiros percebem a importância da agremiação e passam de uma linha assistencialista para uma linha mais política, exigindo melhorias nas condições de vida da marujada. O confronto com as autoridades navais parecia ser um caminho sem volta.

Foi nesse mar tenso, agitado, que os marujos e fuzileiros se reuniram no dia 25 de março de 1964 no Sindicato dos Metalúrgicos da Guanabara, com o objetivo de comemorar o segundo aniversário da Associação. Discursos preparados, estavam presentes vários líderes sindicais, deputados da FPN, representantes de UNE, e o grande líder dos marinheiros de 1910 o “Almirante Negro” João Cândido. O presidente faz seu discurso, reforça o apoio às reformas de base, exige o reconhecimento da AMFNB por parte das autoridades navais, como

\*Mestrando em História Social/ Universidade Federal Fluminense

2

também a libertação de seis marinheiros presos. O cabo Cláudio Ribeiro propõe que os associados fiquem em assembléia permanente até que a AMFNB seja reconhecida pela Marinha, a proposta é acatada e a assembléia se transforma em Rebelião (RODRIGUES, 2004: 106; CAPITANI, 1997: 54).

No dia seguinte, fuzileiros navais enviados ao Sindicato dos Metalúrgicos para prender os “amotinados” são sensibilizados por seus companheiros, largam suas armas e munições e aderem ao movimento. Marinheiros são atingidos por tiros no Arsenal de Marinha quando se dirigiam ao Sindicato dos Metalúrgicos. Naquela altura, a grande imprensa já estava cobrindo os acontecimentos e no dia seguinte o evento estaria nas primeiras páginas dos grandes jornais, inclusive com cobertura da imprensa internacional<sup>1</sup>. O Ministro da Marinha, Almirante Sylvio Mota não consegue se sustentar no cargo e pede demissão. O Almirante da reserva Paulo Mário da Cunha é nomeado para o cargo. Os marinheiros são levados para um quartel do Exército onde ficariam presos. Parece que tudo estaria resolvido e voltaria à normalidade. No entanto, o novo ministro anistia os marinheiros apenas poucas horas depois das prisões. Não faltava mais nada ao enredo dos conspiradores do golpe. A hierarquia e a disciplina, pilares das instituições militares haviam sido esfaceladas, dilaceradas. Se os golpistas precisavam de um pretexto, já o tinham. Apenas cinco dias depois do fim da Rebelião, veio o golpe. Nos dias seguintes começa o processo de “limpeza” do Brasil. Os marinheiros estão entre os primeiros alvos, alguns não desistem, tentam se reorganizar, era hora de “resistir”.

Já em julho de 1964 marinheiros aparecem envolvidos em uma articulação da POLOP<sup>2</sup> no sentido de se estabelecer um foco guerrilheiro na Região de Minas Gerais. No entanto, “a conspiração ficou batizada de ‘Guerrilha de Copacabana’, porque polopistas e marinheiros confabulavam em apartamentos daquele bairro no Rio” (GORENDER, 1987:127). Dos que escaparam das primeiras prisões alguns conseguem se exilar no Uruguai e se articulam com Leonel Brizola. Ao lado de ex-sargentos do Exército e de cassados políticos, contribuem para a organização do Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR). Alguns partem para Cuba, onde realizam o curso de guerrilhas já em 1965<sup>3</sup>. No ano seguinte, tentam organizar um foco guerrilheiro na Serra de Caparaó, região situada entre Minas Gerais e Espírito Santo, sob o comando do ex-sargento do Exército Amadeu Felipe. Em abril de 1967 um grupo é localizado e preso pela polícia de Minas Gerais. Na foto estampada nas capas dos jornais, cinco eram ex-

---

<sup>1</sup> Jornal do Brasil, 28.3.1964, p. 07.

<sup>2</sup> ORM-POLOP, Organização Revolucionária Marxista – Política Operária

<sup>3</sup> APERJ, Fundo Polícia Política, Setor Comunismo, pasta 115.

3

marinheiros (COSTA, 2007: pp. 20-43). O MNR tentava preparar ainda mais duas frentes: uma no Mato Grosso e outra no planalto central, que ficou nucleada na região de Imperatriz, no Maranhão. Ambas seriam comandadas por ex-marinheiros com cursos realizados em Cuba – Marco Antônio da Silva Lima e José Duarte, respectivamente (ROLLEMBERG, 2001: 29). Segundo Flávio Tavares, o foco do planalto teria a participação maciça de ex-marinheiros e fuzileiros navais, ambos foram desarticulados devido ao fracasso de Caparaó e a retirada do apoio de Brizola (1999: 191; 203).

Com a desarticulação do MNR, alguns desses marinheiros são presos e conduzidos à Penitenciária Lemos de Brito no Rio de Janeiro. Lá reencontram antigos companheiros da AMFNB e começam a planejar a fuga, que seria seguida da implantação de um foco guerrilheiro na região de Angra dos Reis. Dessa forma surge o MAR (Movimento de Ação Revolucionária), que conseguiu o apoio de estagiários da Lemos de Brito, além de contar com o apoio externo de ex-marinheiros e de outros militantes, como o jornalista Flávio Tavares, antigo conhecido da marujada na época do MNR<sup>4</sup>. Após um período de preparação e ensaios, no dia 26 de maio de 1969, um grupo formado por seis presos políticos e três presos comuns, consegue evadir-se da prisão deixando para trás um morto e três feridos. Os jornais do dia seguinte dão a manchete em primeira página “*Fuga espetacular da Lemos de Brito*”<sup>5</sup>. O grupo consegue se estabelecer na região previamente estudada em Angra e de lá partem para a realização de ações na cidade. Após alguns meses de atividades bem sucedidas, integrantes do MAR caem em uma ação urbana e o foco de Angra é descoberto. A repressão consegue dissuadir os guerrilheiros e desarticular aquele movimento, executando a prisão de alguns militantes através de ações dos fuzileiros navais e de pára-quedistas do Exército (VIEGAS, 2004: p.104).

Ainda no final da década de 60, encontramos militando na VPR<sup>6</sup> os ex-marujos Otacílio Pereira e Cláudio Ribeiro, este último como um dos importantes dirigentes. (GORENDER, 1987: p. 132; 135). No início da década de 70, a VPR continua absorvendo ex-marujos, muitos desses haviam ido para Cuba ainda no contexto do MNR. José Anselmo era um deles, após ter fugido da prisão do Alto da Boa Vista em 1966 e ter reaparecido na Conferência da OLAS<sup>7</sup> em 1967, o “Cabo” Anselmo retorna ao Brasil no início da década de 1970 como um dos principais quadros daquela organização. Anselmo vem com a responsabilidade de organizar uma ramificação da VPR no Nordeste. No início de 1971,

<sup>4</sup> [www.ternuma.com.br](http://www.ternuma.com.br), acesso em 12.3.2008

<sup>5</sup> Jornal do Brasil, 27.5. 1969; capa e p. 14.

<sup>6</sup> Vanguarda Popular Revolucionária

<sup>7</sup> Organização Latino-Americana de Solidariedade

4

passa a colaborar com a equipe do Delegado Sérgio Paranhos Fleury, do DEOPS de São Paulo, se tornando o principal responsável pela queda de inúmeros militantes da esquerda armada e o grande traidor dos grupos guerrilheiros no contexto da ditadura. Vários marinheiros aparecem na extensa lista de vítimas do “Cabo” Anselmo.

Em São Paulo, em 23.9.1970, cai José Maria Ferreira de Araújo, ex-membro da AMFNB e muito próximo de seu algoz nos tempos da Marinha<sup>8</sup>. Ainda na capital paulista morre Edson Neves Quaresma e desaparece Edgar Aquino Duarte, ambos colaboraram em diversos momentos para o então grande líder da marujada em sua trajetória de militante. No Rio de Janeiro, em agosto de 1971 desaparece José Raimundo da Costa, um dos grandes quadros da VPR. Em 1973, no chocante episódio conhecido com “Massacre da Chácara São Bento”, o golpe final de Anselmo leva junto mais dois ex-companheiros da caserna. São fuzilados pelos agentes da repressão os ex-marujos Evaldo Luís Ferreira de Souza e José Manoel da Silva.

Passados mais de quarenta anos, os marinheiros de 64 ainda são vistos pela Marinha como subversivos, comunistas, e tidos por boa parte da esquerda como coadjuvantes da “Associação do cabo Anselmo”, membro da CIA, implantado na Associação apenas para criar o pretexto para o golpe. Ao engajarem nos grupos da luta armada, demonstraram afinal de que lado estavam. Ao guinarem o leme de suas vidas para bombordo, ou seja, para esquerda, buscaram viver pela pátria e morrer com razão!

---

<sup>8</sup> Todas as informações sobre as vítimas constantes nesta página, estão em: [www.presidencia.gov.br/sedh..](http://www.presidencia.gov.br/sedh..) *Direito à memória e à verdade*. pgs.132, 133, 138, 170, 171, 326, 327, 330, 344.

**Referências Bibliográficas**

- CAPITANI, Avelino Bioen. *A rebelião dos marinheiros*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.
- COSTA, José Caldas. *Caparaó: a primeira guerrilha contra a ditadura*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.
- GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas: das ilusões perdidas à luta armada*. São Paulo: Ática, 1987.
- RODRIGUES, Flávio Luís. *Vozes do mar: o movimento dos marinheiros e o golpe de 64*. São Paulo: Cortez, 2004.
- ROLLEMBERG, Denise. *O apoio de Cuba à Luta Armada no Brasil: o treinamento guerrilheiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- VIEGAS, Pedro. *Trajetória rebelde*. São Paulo: Cortez, 2004.

**Internet**

[www.ternuma.com.br](http://www.ternuma.com.br)

[www.presidencia.gov.br/sedh](http://www.presidencia.gov.br/sedh)